

A DIVINA COMÉDIA

# PARAÍSO

DANTE ALIGHIERI



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto  
Dante Alighieri

Produção e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Tradução  
José Pedro Xavier Pinheiro

Imagens  
DropOfWax/Shutterstock.com;  
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;  
KimsCreativeHub/Shutterstock.com;

Revisão  
Project Nine Editorial  
Fernanda R. Braga Simon

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

A411p Alighieri, Dante

Paraíso / Dante Alighieri ; traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro.  
- Jandira, SP : Principis, 2020.  
240 p. ; 16cm x 23cm. – (A divina comédia)

Inclui índice.  
ISBN: 978-65-509-7034-5

1. Literatura italiana. 2. Poesia. 3. Dante Alighieri. 4. A divina comédia. I. Pinheiro, José Pedro Xavier. II. Título. III. Série.

2019-2188

CDD 851  
CDU 821.131.1-1

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura italiana : Poesia 851
2. Literatura italiana : Poesia 821.131.1-1

1ª edição revista em 2020  
[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

|                 |     |
|-----------------|-----|
| CANTO I.....    | 5   |
| CANTO II.....   | 12  |
| CANTO III.....  | 19  |
| CANTO IV.....   | 25  |
| CANTO V.....    | 32  |
| CANTO VI.....   | 39  |
| CANTO VII.....  | 46  |
| CANTO VIII..... | 53  |
| CANTO IX.....   | 60  |
| CANTO X.....    | 67  |
| CANTO XI.....   | 74  |
| CANTO XII.....  | 81  |
| CANTO XIII..... | 88  |
| CANTO XIV.....  | 95  |
| CANTO XV.....   | 102 |
| CANTO XVI.....  | 110 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| CANTO XVII.....   | 118 |
| CANTO XVIII.....  | 125 |
| CANTO XIX.....    | 132 |
| CANTO XX.....     | 139 |
| CANTO XXI.....    | 146 |
| CANTO XXII.....   | 153 |
| CANTO XXIII.....  | 161 |
| CANTO XXIV.....   | 168 |
| CANTO XXV.....    | 176 |
| CANTO XXVI.....   | 183 |
| CANTO XXVII.....  | 190 |
| CANTO XXVIII..... | 197 |
| CANTO XXIX.....   | 204 |
| CANTO XXX.....    | 211 |
| CANTO XXXI.....   | 218 |
| CANTO XXXII.....  | 225 |
| CANTO XXXIII..... | 233 |



## CANTO I

Invocando Apolo, o Poeta conta como do Paraíso Terrestre ele e Beatriz se alçaram ao Céu, atravessando a esfera do fogo. Beatriz explica-lhe como possa vencer o próprio peso e subir. É atraído pelo invencível amor.

Seguindo as teorias de Ptolomeu, Dante põe a terra imóvel no centro do Universo e, ao redor dela, em órbitas concêntricas, os céus da Lua, de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, a oitava esfera, que é a das estrelas fixas, a nona, ou primeiro móvel, e finalmente o Empíreo, que é imóvel. Transportado pela força que faz rodar os céus e pela luz sempre crescente de Beatriz, Dante eleva-se de um céu para outro, e em cada um deles aparecem-lhe os espíritos bem-aventurados que, quando vivos, possuíram a virtude própria do respectivo planeta.

À glória de quem tudo, aos seus acenos,  
Move, o mundo penetra e resplandece,  
Em umas partes mais em outras menos.

No céu onde sua luz mais aparece,  
Portentos vi que referir, tornando,  
Não sabe ou pode quem à terra desce;

Pois, ao excelso desejo se acercando,  
A mente humana se aprofunda tanto  
Que a memória se esvai, lembrar tentando.

Os tesouros, porém, do reino santo,  
Que arrecadar-me pôde o entendimento,  
Serão matéria agora de meu canto.

Faz-me neste final cometimento,  
Bom Febo<sup>1</sup>, do teu estro eleito vaso  
Que tenha ao louro amado valimento.

Fora-me assaz um cimo do Parnaso<sup>2</sup>;  
Daquele e do outro necessito agora  
Para vencer na liça a que me emprazo.

Cala em meu peito, alenta o que te exora!  
Sê como quando a Marsias arrancado  
Hás do corpo a bainha protetora!

Se, divinal virtude, eu for entrado  
Tanto de ti, que a sombra represente  
Do reino que em minha alma está gravado,

Ao teu querido lenho eu, diligente,  
Irei, por ter a c'roa merecida  
De ti e deste assunto preminente.

Tão rara vez é, Padre, igual colhida  
Quando triunfa César ou poeta  
(Culpa e vergonha do querer nascida)

---

1 Apolo. (N. T.)

2 O monte Parnaso tinha dois cimos; em um moravam as Musas com Baco, no outro (Elicão ou Cirra) morava Apolo. (N. T.)

Que à Dêlfica Deidade<sup>3</sup> a predileta  
Fronde excitar devera alta alegria,  
Se um coração por tê-la se inquieta.

Grande incêndio em centelha principia;  
Voz, após mim, talvez, mais eloquente  
Mais graça em Cirra<sup>4</sup> alcance e mais valia!

Por várias portas surge refulgente  
A lâmpada do mundo<sup>5</sup>; mas daquela,  
Onde orbes quatro brilham juntamente<sup>6</sup>

Com três cruzeiras, caminha sob estrela  
Melhor, em modo que a mundana cera<sup>7</sup>  
Mais ao seu jeito retempera e assela.

Dali nascia a luz; daqui viera  
A noite<sup>8</sup>; e um hemisfério branquejava  
Enquanto ao outro a treva enegrecera,

Eis vi que à esquerda Beatriz fitava  
Olhos no Sol: jamais águia afrontara  
Tanto desse astro o lume, que ofuscava.

---

3 Apolo. (N. T.)

4 Parte do Parnaso consagrada a Apolo. (N. T.)

5 O Sol. (N. T.)

6 O ponto do céu no qual se conjuntam quatro círculos celestes, os quais, entrecortando-se, formam três cruzeiras. Caminha sob estrela melhor, a constelação do Áries. (N. T.)

7 A matéria terrestre. (N. T.)

8 No hemisfério do Purgatório amanhecia; no nosso hemisfério caía a noite. (N. T.)

Como o raio, que a luz de si dispara,  
Reflete outro, que preto retrocede,  
Qual romeiro, que à volta se prepara,

Esse ato, com que assim Beatriz procede,  
Meu se tornou nos olhos infundido,  
E o fitei mais que a um homem se concede.

Muito do que é na terra defendido,  
No Paraíso é dado à humana gente,  
A quem fora por dote prometido.

Fitar o Sol não pude longamente.  
Mas assaz para o ver fulgir no espaço,  
Qual ferro, que do fogo sai candente.

Eis cuidei ver um dia, ao mesmo passo,  
Luzir com outro, qual se Deus fizera  
Do céu um Sol segundo no regaço.

Sorvidos Beatriz na eterna esfera  
Os olhos tinha; os meus que eu desviara  
Dali no seu semblante embevecera.

Contemplando-a, o meu ser se transformara;  
Tal Glauco<sup>9</sup>, portentosa erva comendo  
Igual do mar aos Deuses se tornara.

Significar *per verba* não podendo  
O que é transumanar o exemplo baste  
Ao que o exprimente, a graça recebendo.

---

9 Pescador mitológico, ao comer uma erva marinha transformou-se em deus do mar. (N. T.)

De ti, que por teu lume me exaltaste,  
Amor do meu Senhor é conhecido,  
Se em mim somente havia o que criaste.

Quando as 'Sferas, no giro, conduzido  
Por ti no eterno anelo, me enlevaram  
Com hino ao teu compasso dirigido,

Tantos etéreos plainos se mostraram  
Inflamados do Sol, que nunca os rios,  
Nem as chuvas um lago igual formaram.

Essa luz, esses sons (jamais ouvi-os)  
De saber tais desejos me acenderam  
Que tão pungentes de antes não senti-os.

Ela em meu coração os viu como eram:  
Por serenar-me o ânimo agitado,  
Sem me escutar, seus lábios se moveram,

E disse: “O teu espírito anda errado  
Com falso imaginar: 'starias vendo  
O que não vês, se houveras afastado.

Te enganas, sobre a terra achar-te crendo:  
O raio tão veloz do céu não desce,  
Como tu que p'ra o céu vais ascendendo”.

Se a dúvida primeira desaparece,  
À voz que o riso segue, lhe escutando,  
Inda mais outra a mente me escurece.

“Modera-se o meu pasmo”, lhe tornando  
Falei, “mas ora muito mais me admira  
Como estes corpos leves vou passando”.

Ouvindo, Beatriz terna suspira  
E me encara piedosa, com semblante  
De mãe que fala ao filho que delira.

“Conservam”, respondeu-me, “ordem constante  
As cousas entre si: esta é a figura  
Que o universo ao Senhor faz semelhante.

Ali vê cada uma alta criatura  
Do Poder Sumo, bem ao claro, o selo,  
Alvo sublime, que essa lei procura.

Cada um entre na ordem, que eu revelo,  
Se vai por modos vários inclinando,  
Mais ou menos, ao seu princípio belo.

Para portos dif’rentes navegando  
No vasto mar do ser, cada qual segue  
Os instintos que Deus lhe deu, criando.

Por Ele a flama à Lua alar consegue,  
Por Ele o coração mortal se agita  
E a terra em sua contração prossegue.

Seu poder não somente se exercita,  
Qual arco em seta, em bruto inconsciente,  
Mas nos entes, que amor, razão concita.

Tudo ordenando, o Autor Onipotente  
Com sua luz tem o céu sempre aquietado,  
Em que gira o que vai mais velozmente<sup>10</sup>.

Até lá, como a um alvo decretado,  
Desse arco impele a força poderosa,  
Quem conduz tudo a venturoso estado.

Mas, como, às mais das vezes, revoltosa  
A forma não responde ao intento da arte,  
Porque a matéria é na surdez teimosa,

Assim desta vereda se desparte  
A criatura, para o bem guiada,  
Que pode propender para outra parte,

Se, de falso prazer sendo arrastada,  
Baixa à terra, qual fogo desprendido,  
De súbito, da nuvem carregada.

Não seja mais de espanto possuído:  
Como ao val rio cai de monte altivo,  
Para a esfera estelífera és erguido.

De maravilha fora em ti motivo  
Não subindo; pois ‘stás de estorvo isento;  
Não fica imoto em terra o fogo vivo”.

Disse e os olhos fitou no firmamento.

---

<sup>10</sup> O Empíreo imóvel, dentro ou embaixo do qual gira o primeiro móvel, que é o mais veloz dos céus. (N. T.)



## CANTO II

Sobem à Lua. Exortação aos leitores. Dante pergunta a Beatriz se as manchas da Lua dependem da maior ou menor densidade do astro. Beatriz confuta o erro. Todos os astros são iluminados pela virtude que do primeiro móvel se difunde aos céus sotopostos. Na Lua a virtude é menor que nos outros céus.

Vós, que em frágil barquinha navegando,  
Desejosos de ouvir, haveis seguido  
Meu baixel, que proeja e vai cantando,

Volvei à plaga, donde haveis partido,  
O pélagos evitai; que, em me perdendo,  
Vosso rumo talvez tereis perdido.

Ondas ninguém cortou, que vou correndo,  
Sopra Minerva e me conduz Apolo  
E o Norte as Musas mostram-me, a que eu tendo.

Vós, que, raros, a tempo haveis o colo  
Erguido ao pão dos anjos<sup>11</sup>, que alimenta,  
Mas não sacia, no terráqueo solo,

---

<sup>11</sup> Teologia. (N. T.)

A vossa nau guiai, de medo isenta,  
No salso argento<sup>12</sup>, após a minha esteira,  
Enquanto água o seu sulco inda apresenta.

A que em Colcos surgiu gente guerreira<sup>13</sup>,  
Menos que vós, atônita ficara  
Jasão vendo aplicado à sementeira.

Perpétua, inata sede nos tomara  
Do império deiforme e nos levava  
Quase bem como o céu, que jamais para.

Olhava o céu Beatriz, eu a encarava.  
Tão depressa talvez, quanto arrojada  
Ao ar, a seta do arco se destrava,

Cousa vi, que prendeu maravilhada  
A vista minha súbito; e então ela,  
Que do meu cogitar ‘stava inteirada,

Voltou-se e disse leda, quanto bela:  
A Deus eleva a mente, agradecido,  
Chegados somos à primeira estrela.

Lúcido, espesso, sólido e polido  
Vulto, qual nuvem, nos cobrir parece,  
Quase diamante pelo Sol ferido.

---

12 O mar. (N. T.)

13 Os Argonautas que se espantaram quando Jasão arou o campo com dois touros que expeliam flamas pelas narinas e semeou os dentes do monstro que havia matado, do que surgiram guerreiros (Ovídio, Met. VII). (N. T.)

Na perla eterna<sup>14</sup> entramos: assim desce  
Raio de luz pela água, que recebe  
No seio, mas unida permanece.

Se eu era corpo, e aqui se não percebe  
Como uma dimensão outra compreende,  
Senão se um corpo em outro corpo embebe,

Com mais razão desejo em nós se acende  
De ver aquela essência, que é patente  
Como a nossa natura a Deus se prende.

Ali o que por fé se crê somente  
Sem provas por si mesmo será noto,  
Como a verdade prima o que o home' assente.

“Ante o Senhor com ânimo devoto  
Humilho-me”, tornei-lhe, “enternecido,  
Pois do mundo mortal me tem remoto.

Mas dissei: neste corpo o que tem sido  
As manchas negras, com que lá na terra  
Sobre Caim se hão fábulas urdido<sup>15</sup>”.

Sorriu-se e respondeu: “Se assim tanto erra  
Dos mortais o juízo no que a chave  
Dos sentidos verdade não descerra,

Não mais depois o espanto em ti se agrave;  
Pois vês como, aos sentidos se rendendo,  
Nos curtos voos a razão se trave.

---

14 A Lua. (N. T.)

15 Segundo uma crendice popular, as manchas da Lua representavam Caim carregando um feixe de espinhos. (N. T.)

Mas fala, ideias tuas me dizendo”  
“O que parece aqui ser diferente  
De corpo raro e denso<sup>16</sup> vir estou crendo”.

“Tu verás”, replicou, “bem claramente  
Ser falsa a crença tua, se escutares  
Os argumentos, que lhe oponho em frente.

Na oitava esfera há muitos luminares,  
Nos quais, por qualidade e por grandeza,  
Notam-se aspetos vários, singulares.

Se o denso e o raro atua, com certeza  
Virtude única em todos tem regência,  
Influindo com mais, menos graveza:

São as virtudes várias consequência  
Dos princípios formais que destruídos  
Seriam, exceto esse: é de evidência.

Se são por corpo raro produzidos<sup>17</sup>  
Tais sinais, ou neste astro muitos postos  
De matéria estão destituídos,

Ou, como o gordo e o magro sobrepostos  
No corpo vês, quadernos diferentes  
Este astro em seu volume tem dispostos.

---

16 Dante havia escrito no Convívio que as manchas lunares eram partes rarefeitas do astro. (N. T.)

17 Se a Lua tivesse algumas partes transparentes, não haveria possibilidade de verificar-se o eclipse do Sol. Se as partes rarefeitas não são transparentes, deveria haver ao oposto delas, como em um espelho, partes densas que impediriam a transparência. Nesse último caso, porém, os raios externos, como no espelho, deveriam refletir-se. (N. T.)